



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO**

HUGO GABRIEL DE SÁ CALADO

**#NOTMYARIEL E AS CONTROVÉRSIAS SOBRE A REPRESENTAÇÃO
DO CORPO NEGRO NO CINEMA**

RECIFE/2025



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE RÁDIO, TV E INTERNET**

HUGO GABRIEL DE SÁ CALADO

**#NOTMYARIEL E AS CONTROVÉRSIAS SOBRE A REPRESENTAÇÃO
DO CORPO NEGRO NO CINEMA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Rádio, TV e Internet pela Universidade Federal de Pernambuco.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Soares.

RECIFE/2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Calado, Hugo Gabriel de Sá.

#Notmyariel e as controvérsias sobre a representação do corpo negro no cinema / Hugo Gabriel de Sá Calado. - Recife, 2025.

69 p. : il.

Orientador(a): Thiago Soares

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Radio, TV e Internet - Bacharelado, 2025.

Inclui referências.

1. Estudos de Mídia. 2. Estudos Culturais. 3. Teoria Crítica e Teoria da Representação. 4. Estudos de Raça e Identidade. 5. Cultura Digital e Redes Sociais. 6. Comunicação Social. I. Soares, Thiago. (Orientação). II. Título.

360 CDD (22.ed.)

DEDICATÓRIA

Dedico este projeto de TCC ao pequeno Hugo, que, quando criança, alugava incessantemente o *VHS* de *A Pequena Sereia* na locadora, encantado com a animação e a trilha sonora. Dedico este trabalho, também, à minha família, especialmente à minha mãe, onde a presença e apoio incondicional foram fundamentais em todas as etapas da minha jornada. Aos poucos, mas preciosos amigos que fiz durante a graduação, minha eterna gratidão por cada palavra de incentivo e por acreditarem em mim nos momentos em que duvidei de mim mesmo. Este projeto é, acima de tudo, um reflexo das minhas memórias, raízes e das pessoas que me ajudaram a chegar até aqui.

*As histórias importam. Muitas histórias importam.
As histórias foram usadas para espoliar e caluniar,
mas também foram usadas para empoderar e
humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade
de um povo, mas também podem reparar essa
dignidade despedaçada.*

Chimamanda Ngozi Adichie

RESUMO

Este trabalho investiga as controvérsias em torno da representatividade racial no cinema a partir da repercussão do live-action *A Pequena Sereia* (2023), estrelado por Halle Bailey, atriz negra escalada para o papel de Ariel. A partir da análise discursiva de postagens no X (antigo Twitter) com a hashtag #NotMyAriel, entre 2019 e 2023, o estudo busca compreender como o campo midiático contemporâneo reflete e produz resistências à diversidade. Fundamentado em autores como Stuart Hall (2019), Michel Pêcheux (1990), bell hooks (2019) e Frantz Fanon (1952), o trabalho articula uma leitura crítica sobre o racismo estrutural nas representações audiovisuais e os efeitos subjetivos da presença negra em narrativas midiáticas. Observa-se que a reação à escolha da atriz expressa não apenas uma nostalgia estética, mas a manutenção simbólica da branquitude como norma nos imaginários culturais. Ao mesmo tempo, o filme revela o poder da representatividade positiva na infância negra e evidencia o papel das redes sociais digitais como arenas de disputa e afirmação identitária. A pesquisa conclui que, embora corporativa e mercantilizada, a diversidade pode gerar impactos transformadores, desde que acompanhada de mudanças estruturais na cadeia produtiva e narrativa da indústria cultural.

Palavras-chave: representatividade; racialização; discurso midiático; cinema e identidade; #NotMyAriel; cultura digital; infância negra.

ABSTRACT

This paper investigates the controversies surrounding racial representation in cinema, focusing on the reaction to the live-action *The Little Mermaid* (2023), starring Halle Bailey, a Black actress cast as Ariel. Through a discursive analysis of posts on X (formerly Twitter) with the hashtag #NotMyAriel, from 2019 to 2023, the study seeks to understand how the contemporary media field reflects and produces resistance to diversity. Drawing on authors such as Stuart Hall (2019), Michel Pêcheux (1990), bell hooks (2019), and Frantz Fanon (1952), the paper presents a critical reading of structural racism in audiovisual representations and the subjective effects of Black presence in media narratives. It is observed that the reaction to the actress's casting expresses not only aesthetic nostalgia but also the symbolic maintenance of whiteness as the norm in cultural imaginaries. At the same time, the film reveals the power of positive representation in Black childhood and highlights the role of digital social networks as arenas for identity contestation and affirmation. The research concludes that, although corporate and commercialized, diversity can have transformative impacts, provided it is accompanied by structural changes in the cultural industry's production and narrative chains.

Keywords: representation; racialization; media discourse; cinema and identity; #NotMyAriel; digital culture; Black childhood.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	A REPRESENTAÇÃO DO CORPO NEGRO NO CINEMA: HISTÓRIA, ESTEREÓTIPOS E RESISTÊNCIAS	15
3	A NOVA ARIEL E OS CONFLITOS DA REPRESENTATIVIDADE: ANÁLISES, RECEPÇÃO E REAÇÕES	25
4	ESTUDO DE CASO: ANÁLISE DISCURSIVA DA HASHTAG #NOTMYARIEL	44
4.1	<i>Tensões discursivas: tradição x transformação</i>	45
4.2	<i>Humor como arma ideológica</i>	47
4.3	<i>Estratégias de apagamento e racismo velado</i>	50
4.4	<i>Disputas por representação e afetos positivos</i>	52
4.5	<i>Polarização e circulação de sentidos</i>	55
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
6	REFERÊNCIAS	65

1. INTRODUÇÃO

A produção audiovisual exerce papel central na formação de narrativas culturais e identitárias. Mais do que entretenimento, o cinema é um espaço de disputa simbólica, capaz de refletir — e questionar — as estruturas sociais em que está inserido. Hollywood, por muito tempo marcada pela exclusão e estereotipização de pessoas negras, tem sido pressionada a incorporar práticas mais inclusivas. Nesse contexto, o live-action de *A Pequena Sereia* (2023), dirigido por Rob Marshall, tornou-se um marco ao escalar Halle Bailey, uma atriz negra, para o papel de Ariel. A escolha provocou reações antagônicas, especialmente nas redes sociais, onde manifestações racistas se somaram a celebrações pela visibilidade negra. Hashtags como #NotMyAriel e #BlackMermaid sintetizaram essas disputas, evidenciando a resistência a mudanças culturais.

Este estudo busca compreender como o remake expôs tensões relacionadas à representatividade racial e à construção de narrativas mais inclusivas. Para isso, analisa-se a repercussão nas redes sociais, considerando tanto os discursos excludentes quanto os de celebração. A escolha pelo tema justifica-se pela relevância da representação midiática na construção do pertencimento de grupos historicamente marginalizados. A hipótese que orienta este trabalho é que a rejeição à escalação de Halle Bailey reflete a permanência de ideais eurocêntricos no imaginário coletivo, e que a visibilidade de uma atriz negra no papel de protagonista representa um avanço significativo. Ao mesmo tempo, revela como as redes sociais podem amplificar tanto preconceitos quanto discursos de inclusão.

A metodologia adotada é predominantemente qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica e análise de discurso à luz dos aportes teóricos de Stuart Hall e Michel Pêcheux. O corpus baseia-se em publicações que mobilizaram a hashtag #NotMyAriel, permitindo examinar os sentidos produzidos nas disputas por representatividade. O recorte temporal compreende o período entre o anúncio do casting, em 2019, e o lançamento do filme, em 2023 — marco em que as reações se intensificaram.

O estudo se organiza em quatro frentes analíticas: (1) revisão teórica sobre representatividade racial no cinema; (2) análise da recepção do remake de *A Pequena Sereia*; (3) levantamento histórico sobre a marginalização de atores negros; e (4) reflexão sobre os efeitos sociais da representatividade midiática.

Adicionalmente, nas análises das materialidades das redes sociais digitais, será adotada uma perspectiva de cruzamento entre métodos qualitativos e quantitativos, buscando ampliar a compreensão tanto da dimensão simbólica quanto da circulação e alcance das narrativas analisadas.

A personagem Ariel, hoje símbolo de um intenso debate sobre representatividade racial, surgiu inicialmente no conto “*Den Lille Havfrue*” (*A Pequena Sereia*), escrito pelo dinamarquês Hans Christian Andersen em 1837. Marina Warner (1995), em seus estudos sobre contos de fadas, aponta que no texto original, Ariel não tem nome próprio e é descrita de forma genérica, sem traços raciais definidos. A ênfase está em sua voz encantadora, seu desejo de conhecer o mundo humano e na dor existencial que sente ao romper com o universo aquático. A ausência de uma descrição racializada reforça a ideia de que a sereia poderia ser interpretada de múltiplas formas — o que evidencia que sua branquitude atual é uma construção cultural, não uma essência textual.

Desde sua origem no conto de Hans Christian Andersen em 1837, *A Pequena Sereia* passou por uma série de adaptações audiovisuais e teatrais que, ao longo do tempo, cristalizaram a imagem da personagem como uma figura branca, mesmo que o texto original não oferecesse qualquer descrição racial da protagonista. Essa ausência de racialização foi preenchida posteriormente por escolhas visuais das adaptações, sobretudo a da Disney, que moldou o imaginário global em torno de uma sereia branca, de cabelos ruivos e olhos azuis. No entanto, nem sempre foi assim.

As primeiras adaptações, como a ópera *Rusalka* (1901), traziam protagonistas interpretadas por sopranos brancas europeias, reafirmando o padrão eurocêntrico. Na animação japonesa de 1975 (Hans Christian Andersen’s *The Little*

Mermaid), apesar da origem asiática da produção, a sereia foi desenhada com traços brancos ocidentais, loira e olhos azuis. O mesmo ocorreu em *Malá mořská víla* (1976), produção tchecoslovaca com protagonista branca. Já em *Splash* (1984), estrelado por Daryl Hannah (figura 1), o mito da sereia é transportado para o mundo moderno, mas mantida a lógica da feminilidade branca como ideal de beleza e encantamento.

Figura 1 – Daryl Hannah em "*Splash*".



Fonte: Shutterstock (1984)

No entanto, a adaptação feita pela Disney em 1989 promoveu uma visualidade específica e duradoura da personagem: Ariel passou a ser representada como uma jovem branca, de cabelos ruivos vibrantes, olhos azuis e traços eurocêntricos (figura 2). Ao fazer isso, a Disney não apenas adaptou o conto de Andersen, mas o colonizou visualmente. Essa imagem tornou-se hegemônica na cultura pop, cristalizando-se como “a verdadeira Ariel” na memória afetiva de milhões de espectadores ao redor do mundo. A figura animada da sereia branca, doce e desejável se tornou um ícone de feminilidade e pureza, reforçando os padrões estéticos ocidentais dominantes.

Figura 2 – A sereia da Disney, Ariel, cercada por amigos aquáticos em “A Pequena Sereia”.



Fonte: Everett Collection (1989)

Esse processo pode ser compreendido à luz do que Michel Pêcheux (1990) chama de *efeito de evidência ideológica* — quando construções históricas são naturalizadas como verdades absolutas. A aparência de Ariel, ao ser repetida, difundida e massificada, deixou de ser percebida como uma escolha estética e passou a ser tomada como “a única possível”. Assim, a personagem foi colonizada visualmente: o imaginário social a fixou como branca, apagando qualquer abertura interpretativa proposta por Andersen em seu conto.

Essa racialização não ocorreu isoladamente. A Disney, ao longo de décadas, produziu uma galeria de princesas majoritariamente brancas — Branca de Neve, Cinderela, Aurora, Bela, Ariel — que povoaram o imaginário infantil com representações monocromáticas de beleza, heroísmo e romantismo. A presença de traços eurocêntricos nessas personagens reforçou a ideia de que somente meninas brancas poderiam ser protagonistas de contos de fadas e símbolos universais de afeto, desejo e sucesso.

Ariel, nesse contexto, tornou-se não apenas uma princesa, mas uma guardiã simbólica da normatividade branca. A naturalização de sua aparência impede que outras representações sejam vistas como legítimas. Assim, quando uma atriz negra — Halle Bailey — (figura 3) é escolhida para o papel em uma nova adaptação, a reação de parte do público é de rejeição, como se um pacto identitário tivesse sido quebrado. O que se apresenta como fidelidade à personagem, na verdade, é a defesa de uma identidade racial hegemônica que se sente ameaçada.

Figura 3 – Halle Bailey em pôster promocional do Live-action de “A Pequena Sereia”.



Fonte: Walt Disney Company (2023)

Stuart Hall (1997) afirma que *a representação é sempre um ato de poder* — ela define quem pode aparecer, como e em que condições. A nova Ariel desestabiliza esse poder ao deslocar o protagonismo para um corpo negro, interrompendo o ciclo de exclusão simbólica que historicamente afastou meninas

negras das narrativas de encantamento. Sua presença rompe o pacto não escrito que associava a centralidade narrativa à branquitude.

A escolha de Halle Bailey como Ariel não modifica o enredo da sereia, mas altera profundamente os códigos visuais que sustentam seu significado. Ao transformar sua cor de pele, a Disney altera não apenas uma estética, mas toda uma gramática de pertencimento. Como em outras obras adaptadas, essa mudança provoca uma crise simbólica: quem tem o direito de herdar os mitos da infância? Quem pode ser princesa?

Essa tensão revela que o debate não é apenas sobre um personagem, mas sobre *quem pode ser universal*. Quando o corpo negro ocupa o centro de uma narrativa infantil, ele questiona a naturalização da branquitude como padrão. A disputa pela imagem de Ariel é, portanto, uma disputa sobre os limites do imaginável: é possível imaginar uma infância onde meninas negras são o centro da história?

Nesse sentido, a transição de Ariel — do conto à cor — não representa apenas um gesto estético ou simbólico, mas um movimento estrategicamente articulado à lógica do mercado. A escolha por uma atriz negra atende a uma demanda por representatividade, mas ocorre sobretudo dentro dos sistemas da indústria cultural, regidos por interesses econômicos. A diversidade, nesse contexto, é mobilizada como ativo comercial: ao escalar uma mulher negra no papel principal, a Disney visa expandir sua base de consumidores, atingir novos nichos e conquistar o público negro e antirracista global. A resistência à nova sereia, portanto, não diz respeito apenas à diversidade em si, mas à reconfiguração das hierarquias simbólicas que sustentam a hegemonia da branquitude — agora tensionadas por disputas também econômicas. O que está em jogo é a fragmentação de um imaginário monopolizado, confrontado por outras possibilidades de beleza, heroísmo e centralidade, mas ainda instrumentalizado pela lógica da mercantilização da diferença.

Esta monografia está dividida em três capítulos principais. No primeiro, investigamos a representação do corpo negro no cinema, traçando um panorama histórico das exclusões, estereótipos e resistências que marcaram a trajetória de atores e atrizes negras nas produções audiovisuais. Em seguida, no segundo capítulo, analisamos o caso específico da nova Ariel no live-action de *A Pequena Sereia* (2023), refletindo sobre os conflitos simbólicos que emergiram a partir da sua recepção e a lógica mercadológica por trás da escolha de uma atriz negra para o papel. Já no terceiro capítulo, realizamos uma análise discursiva das manifestações nas redes sociais digitais por meio da hashtag #NotMyAriel, identificando os sentidos produzidos nas disputas por representatividade e os efeitos dessa controvérsia no campo midiático contemporâneo. A seguir, iniciaremos o primeiro capítulo com uma leitura crítica sobre a construção racializada da imagem no cinema e os mecanismos que historicamente limitaram o protagonismo negro nas telas.

2. A REPRESENTAÇÃO DO CORPO NEGRO NO CINEMA: HISTÓRIA, ESTEREÓTIPOS E RESISTÊNCIAS

A representação de atores negros no cinema foi historicamente marcada pela exclusão e estereótipos. O relatório "Hollywood Diversity Report" da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) aponta que, desde sua origem, Hollywood construiu seus padrões narrativos, estéticos e simbólicos tendo a branquitude como referência central. Pessoas brancas foram historicamente posicionadas como o ideal de beleza, moralidade e protagonismo, enquanto corpos negros, indígenas e não brancos em geral eram excluídos ou representados de forma estereotipada. Essa lógica racializada não apenas refletia as hierarquias sociais vigentes, mas também as reforçava, ao projetar um imaginário coletivo no qual o sujeito branco era o universal — e todos os demais eram desviantes ou acessórios. Os poucos papéis destinados a atores negros eram frequentemente limitados a figuras subalternas, cômicas ou ameaçadoras, moldadas por preconceitos coloniais. Ao definir quem pode ser herói, objeto de desejo ou símbolo de humanidade, Hollywood ajudou a consolidar a ideia de que o branco é o centro e o padrão da experiência humana — um processo que impacta profundamente o modo como diferentes grupos se veem e são vistos na sociedade.

Um exemplo emblemático dessa representação negativa é o filme *O Nascimento de Uma Nação* (1915), dirigido por D.W. Griffith. O filme, considerado um marco técnico na história do cinema, também é notório por seu conteúdo profundamente racista. Ele glorifica a Ku Klux Klan e retrata personagens negros como selvagens e violentos, reforçando estereótipos prejudiciais. Apesar de sua importância cinematográfica, o filme exemplifica como a mídia pode ser usada para legitimar ideologias de opressão. O impacto desse imaginário racista não se restringiu a esse momento inicial: ao longo das décadas seguintes, Hollywood continuou a reproduzir e sofisticar imagens estereotipadas dos negros, seja através do blackface, seja relegando-os a papéis de subserviência, comicidade ou ameaça.

A ausência de complexidade nos papéis atribuídos a atores negros era especialmente visível nos gêneros clássicos do cinema americano, como os westerns, os dramas históricos e as narrativas sobre escravidão, onde personagens negros raramente ocupavam posições de centralidade. Em *...E o Vento Levou* (1939), por exemplo, a personagem Mammy (figura 4), interpretada por Hattie McDaniel, ficou marcada como o arquétipo da mulher negra maternal, subalterna e leal à família branca. Apesar de McDaniel ter sido a primeira pessoa negra a ganhar um Oscar, sua vitória se deu justamente por um papel que reforçava a lógica do serviço e da subalternidade, e não pela complexidade ou protagonismo.

Figura 4 – Hattie McDaniel no papel da Empregada Mammy com Vivien Leigh, que deu vida a Scarlett O'Hara em “...E o Vento Levou”.



Fonte: Everett Collection (1939)

Nos anos 1970, surge nos Estados Unidos o movimento *Blaxploitation*, caracterizado por filmes voltados principalmente para o público negro, com protagonistas afro-americanos e temas relacionados à cultura e à experiência negra. Esses filmes eram, geralmente, de baixo orçamento, com forte ênfase em ação, música soul e funk, e apresentavam heróis negros que desafiavam a autoridade branca e abordavam questões sociais como racismo, desigualdade e violência urbana. Filmes como *Shaft* (1971) (figura 5), *Superfly* (1972) e *Foxy Brown* (1974). Embora essas produções tenham colocado protagonistas negros em posições centrais e desafiado a ausência de representatividade, elas frequentemente reforçavam estereótipos de violência, criminalidade, hipersexualização e

marginalidade. O movimento, assim, revela a ambiguidade do avanço: ao mesmo tempo em que empodera, cristaliza imagens negativas e limita a pluralidade de experiências negras.

Figura 5 – Richard Roundtree interpretando o detetive negro John Shaft.



Fonte: Everett Collection (1971)

Décadas depois, já nos anos 1980, *A Cor Púrpura* (1985), dirigido por Steven Spielberg e baseado no romance de Alice Walker (figura 6), trouxe à tona a complexidade das experiências de mulheres negras no sul dos Estados Unidos. O filme, protagonizado por Whoopi Goldberg, Oprah Winfrey e Danny Glover, foi um marco ao colocar personagens negras no centro da narrativa, abordando temas como racismo, machismo, violência e resiliência. Apesar de ser reconhecido pelo avanço na representação e pela força de suas personagens, *A Cor Púrpura* também foi alvo de críticas por parte de setores da comunidade negra, que apontaram a perpetuação de alguns estereótipos e a condução da narrativa sob a ótica de um diretor branco, revelando as ambiguidades e desafios ainda presentes na luta por uma representação autêntica e plural.

Figura 6 – Frame do filme “A Cor Púrpura”.



Fonte: Variety/Warner Bros. (1985)

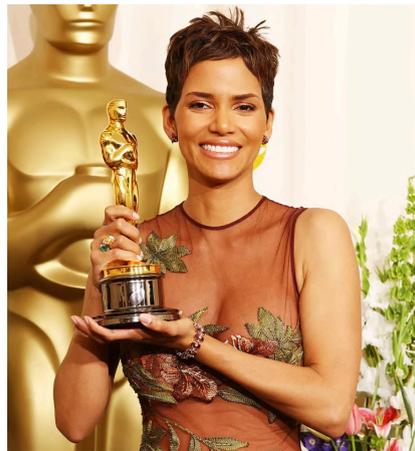
Contudo, a marginalização de atores negros não foi um fenômeno restrito aos primórdios do cinema. Mesmo em produções mais recentes, como *Lincoln* (2012), de Steven Spielberg, que trata da luta pela abolição da escravidão, a perspectiva central é a de Abraham Lincoln, com pouca ênfase nas experiências da população negra. Isso levanta questões sobre quem controla a narrativa e como a falta de diversidade nas equipes criativas pode resultar em uma representação distorcida da história.

Se os atores negros enfrentam obstáculos históricos no cinema, as atrizes negras lidam com uma dupla camada de exclusão, marcada pela interseccionalidade entre racismo e sexismo. O campo da atuação impõe não apenas os filtros raciais já consolidados na lógica hollywoodiana, como também os rígidos papéis de gênero que limitam a presença feminina a estereótipos como a hipersexualização, a subserviência ou a força desumanizada — estereótipos ainda mais cruéis quando aplicados a mulheres negras. O espaço simbólico que lhes é oferecido é reduzido, ambíguo e muitas vezes degradante.

Essa exclusão pode ser ilustrada pelos números das principais premiações da indústria: em quase 100 anos de história do Oscar, apenas 87 pessoas negras foram indicadas nas principais categorias, o que representa meros 3,78% do total. Dentro desse número já diminuto, as mulheres negras aparecem com ainda menor frequência. A única vencedora da categoria de Melhor Atriz Principal foi Halle Berry, em 2002, por *A Última Ceia* (*Monster's Ball*) — um papel que, ironicamente, envolvia

a representação de dor, perda e erotização racializada, confirmando a tendência de só se reconhecer mulheres negras quando suas performances estão atreladas a narrativas de sofrimento e submissão.

Figura 7 – Halle Berry na cerimônia do Oscar em 2002.



Fonte: Getty Images (2002)

Além disso, papéis complexos, protagonistas, com desenvolvimento psicológico e emocional profundo — os chamados *roles of depth* — raramente são escritos para atrizes negras. A indústria continua a reproduzir um imaginário em que a mulher negra é secundária, forte demais para ser vulnerável, ou sexualizada demais para ser romântica. Nesse cenário, o reconhecimento institucional não é apenas difícil — ele é condicionado à reafirmação de estereótipos históricos que sustentam o racismo estrutural e o sexismo interseccional.

Enquanto atores negros conseguem, em alguns casos, furar a bolha e conquistar protagonismo em narrativas de sucesso, as atrizes negras seguem sendo silenciadas, apagadas ou enquadradas em papéis limitadores. Essa diferença de tratamento revela como o patriarcado racializado de Hollywood opera não apenas através da cor da pele, mas também dos códigos de gênero que determinam quem pode ser visível, desejada, respeitada ou premiada. Portanto, discutir representatividade sem considerar essa sobreposição de opressões é

ignorar a complexidade da exclusão vivida por mulheres negras na indústria cinematográfica.

Filmes como *Histórias Cruzadas* (2011) (figura 8), embora gerem discussões importantes sobre racismo, são frequentemente criticados por perpetuarem o trope da "salvadora branca". No filme, a personagem de Emma Stone, Eugenia "Skeeter" Phelan, é retratada como a heroína que dá voz às empregadas domésticas negras, enquanto estas são mostradas de forma caricatural. Essa dinâmica minimiza a agência das personagens negras e reforça a ideia de que a mudança social depende da intervenção de figuras brancas.

Figura 8 – Frame do filme “*Histórias Cruzadas*” com Emma Stone, Octavia Spencer, e Viola Davis.



Fonte: The Hollywood Reporter (2011)

A ausência de representatividade e a recorrência de estereótipos têm impactos profundos, tanto para a indústria cinematográfica quanto para a sociedade. Estudos, como o de Greenberg & Mastro (2000), demonstram que a exposição a imagens negativas pode gerar sentimentos de exclusão e inferioridade entre grupos marginalizados. Por outro lado, a representatividade positiva fortalece a autoestima e o senso de pertencimento, especialmente entre crianças e adolescentes. O sucesso de *Pantera Negra* (2018), que quebrou recordes de bilheteira e se tornou um símbolo de afirmação para a comunidade negra, ilustra o potencial transformador de uma representação mais plural.

Apesar dos avanços, os desafios persistem. De acordo com um estudo da USC Annenberg, entre os 100 filmes mais populares de 2020, apenas 31,8% dos papéis principais ou coadjuvantes foram interpretados por atores negros, enquanto 65,7% foram ocupados por atores brancos. Esses dados evidenciam que, apesar do progresso, a equidade no cinema ainda está distante.

A luta por representatividade negra no cinema se insere em um contexto mais amplo de disputas simbólicas e produção cultural. O conceito de Cinema Negro, como proposto por Noel dos Santos Carvalho, visa romper com as representações convencionais e estereotipadas da negritude, reivindicando uma nova estética e política de imagens. Este movimento dialoga com os Race Movies nos Estados Unidos, iniciados por William D. Foster em 1912, que buscavam criar filmes protagonizados por negros para o público negro, desafiando a hegemonia branca da indústria (hooks, 2019; Monteiro, 2018).

No Brasil, o Cinema Novo dos anos 1960 e 1970 é frequentemente citado como marco na ressignificação da presença negra nas telas (figura 9). David Neves (1968) destaca a abordagem antirracista do movimento, enquanto Orlando Senna (1979) critica o uso do negro como metáfora do povo oprimido, sem aprofundar sua experiência racial. João Carlos Rodrigues (1988) identifica arquétipos recorrentes — como o "malandro", o "mártir" e o "favelado" — que limitam a complexidade das personagens negras e perpetuam estereótipos. A crítica de Rodrigues aponta como o Cinema Novo, embora tenha sido pioneiro em muitas questões sociais, ainda não conseguiu superar totalmente os limites impostos pela representação da negritude na sociedade.

Figura 9 – Cena do filme brasileiro "A Grande Feira" com Antônio Pitanga e Luiza Maranhão, de 1961, dirigido por Roberto Pires.



Fonte: Fundação Memória Roberto Pires(1961)

O movimento Cinema Feijoada, foi um manifesto lançado no ano 2000 por cineastas e profissionais negros do audiovisual em São Paulo com o objetivo principal de questionar e ressignificar as imagens e representações sobre a população negra no cinema brasileiro. O movimento surgiu como resposta crítica, defendendo a transferência do monopólio da representação para realizadores negros e a ampliação da pluralidade de vozes e narrativas (Jeferson De, 2001). Para bell hooks (2019), a representatividade negra não é apenas uma questão de presença, mas de poder simbólico: quem tem o direito de contar histórias e como essas histórias são contadas. Angela Davis (1981) reforça que a cultura é um campo de batalha onde se disputam narrativas capazes de reproduzir a opressão ou promover a dignidade e resistência negra. A forma como a negritude é representada no cinema não apenas afeta a percepção social, mas também contribui para a construção de uma narrativa histórica que define os valores de uma sociedade.

A análise da representação negra no cinema revela avanços importantes, mas também a persistência de desafios estruturais. A presença de atores e atrizes negras nas telas, embora crescente, ainda enfrenta barreiras históricas e simbólicas que limitam o alcance de uma verdadeira diversidade. Compreender essas dinâmicas é fundamental para promover uma indústria cinematográfica mais plural,

capaz de refletir a riqueza e a complexidade das experiências negras, tanto no Brasil quanto no cenário internacional. Além disso, é necessário garantir que as vozes negras, tanto diante das câmeras quanto nos bastidores, continuem a desafiar e reconfigurar as narrativas dominantes, criando novos paradigmas para a representação no cinema.

A reação à escolha de Halle Bailey para interpretar Ariel no remake live-action de *A Pequena Sereia* (2023) reflete essas tensões históricas. A hashtag #NotMyAriel, amplamente adotada pelos opositores da escolha, revela a resistência cultural à mudança. Em contrapartida, a reação positiva de muitas crianças negras ao trailer do filme demonstra como a representatividade pode impactar profundamente a formação da identidade e a autoestima das novas gerações.

Atenta a essas demandas, a Disney tem buscado ampliar a diversidade em suas produções, como exemplificado em *Moana* (2016) (figura 10), *Viva – A Vida é uma Festa* (2017) e *Raya e o Último Dragão* (2021). No entanto, desafios permanecem nos bastidores: entre 2007 e 2018, apenas 3,5% dos diretores de filmes da Disney eram negros, segundo dados da USC Annenberg. A inclusão precisa avançar não apenas diante das câmeras, mas também nas funções criativas e de liderança.

Figura 10 – Cena da animação "*Moana– Um Mar de Aventuras*"



Fonte: Disney.com.br (2022)

Concluído o primeiro capítulo, que apresentou um panorama histórico sobre a marginalização, os estereótipos e as resistências negras no cinema, é necessário voltar o olhar para um fenômeno contemporâneo que encapsula e tensiona essas disputas: a escolha de Halle Bailey, atriz negra, para interpretar Ariel no live-action de *A Pequena Sereia* (2023). O segundo capítulo se concentrará nas múltiplas dimensões deste episódio, analisando como a recepção da nova protagonista expõe não apenas os limites da representatividade simbólica, mas também as contradições do mercado cultural diante das demandas por diversidade.

A partir do caso da nova Ariel, o capítulo investiga como a discussão pública, especialmente nas redes sociais digitais, se tornou um campo de batalha entre nostalgias identitárias e projetos de transformação. Serão abordadas as reações de resistência e celebração, o papel das plataformas digitais na amplificação desses discursos, e as estratégias discursivas que visam tanto preservar quanto desafiar a hegemonia da branquitude no imaginário midiático. Além disso, será discutida a dimensão mercadológica da diversidade promovida por grandes estúdios, questionando até que ponto a inclusão de corpos negros em papéis centrais representa uma ruptura estrutural ou apenas uma reconfiguração superficial das hierarquias simbólicas.

Dessa forma, ao transitar da análise histórica para o estudo de um caso emblemático e atual, o segundo capítulo propõe uma reflexão crítica sobre os significados, efeitos e limites da representatividade negra no cinema contemporâneo, tendo como fio condutor a controvérsia em torno da nova Ariel e o que ela revela sobre as disputas por identidade, pertencimento e poder na cultura audiovisual global.

3. A NOVA ARIEL E OS CONFLITOS DA REPRESENTATIVIDADE: ANÁLISES, RECEPÇÕES E REAÇÕES

A representação do corpo negro no cinema tem sido histórica e, muitas vezes, problemática, marcada por estereótipos e exclusão. Para entender os desafios enfrentados pela Disney na construção de narrativas mais inclusivas, é fundamental revisitar os momentos em que a empresa foi criticada pela falta de representatividade racial e pela perpetuação de estereótipos. A análise histórica das produções do estúdio ajuda a contextualizar o caminho percorrido até os avanços recentes, evidenciando como as mudanças atuais são resultado de um longo processo de pressão social por inclusão.

O estudo "The Portrayal of Race in Disney Films: A Content Analysis" (2018), publicado no *Journal of Media Studies*, evidencia como a Disney, uma das principais produtoras de entretenimento mundial com quase um século de história, enfrentou críticas recorrentes ao longo dos anos por sua abordagem da representatividade racial. Nos primeiros anos da animação, a Disney frequentemente recorreu a estereótipos raciais que marginalizavam grupos minoritários. Um exemplo notório é *A Canção do Sul* (1946), um filme que retratava a vida em uma plantação sulista de forma romantizada e perpetuava estereótipos racistas sobre os afro-americanos (figura 11). A produção foi tão controversa que a própria Disney retirou o filme de circulação, raramente mencionando-o em seus materiais promocionais, refletindo o distanciamento da empresa de suas representações problemáticas ao longo do tempo.

Figura 11 – “A Canção do Sul”, live-action/animação da Disney.



Fonte: The Guardian (2019)

Além de *A Canção do Sul*, outros filmes também foram alvo de críticas. Em *Dumbo* (1941), os corvos, liderados por Jim Crow — uma referência direta às leis de segregação racial nos Estados Unidos — evocam os estereótipos dos “minstrel shows”, espetáculos teatrais em que atores brancos se pintavam de negro para ridicularizar os negros (figura 12). Já em *Peter Pan* (1953), por exemplo, retratou os nativos americanos de forma estereotipada, com nomes como “Pele Vermelha” e comportamentos caricatos (figura 13).

Figura 12 – Personagem com nome Jim Crow, igual às “leis de Jim Crow” que impuseram segregação racial nos EUA, na animação “*Dumbo*” (1941).



Fonte: Suzane Jardim/Medium.com (2016)

Figura 13 – Representação caricata dos nativos americanos em “*Peter Pan*”.



Fonte: Walt Disney Pictures (1953)

Em *A Dama e o Vagabundo* (1955), os gatos siameses Si e Am (dublados por Peggy Lee, que canta a música "*The Siamese Cat Song*", número musical que foi cortado do remake em live-action de 2019), são retratados com estereótipos anti-asiáticos exagerados (figura 14).

Figura 14 – Os gatos siameses em Si e Am de “*A Dama e o Vagabundo*” perpetuam estereótipos anti-asiáticos.



Fonte: Getty Images (2020)

Em *A Cidadela dos Robinsons* (1960), os piratas que antagonizam a família Robinson são retratados como uma ameaça estrangeira estereotipada. Muitos

aparecem com "rostos amarelos" ou "pele morena" e estão vestidos de forma exagerada, com penteados de topete, rabos de cavalo, roupas e maquiagem pesada, além de joias, reforçando a ideia de barbarismo e "outros" (figura 15). Eles falam em uma língua incompreensível, apresentando uma representação única e racista dos povos asiáticos e do Oriente Médio.

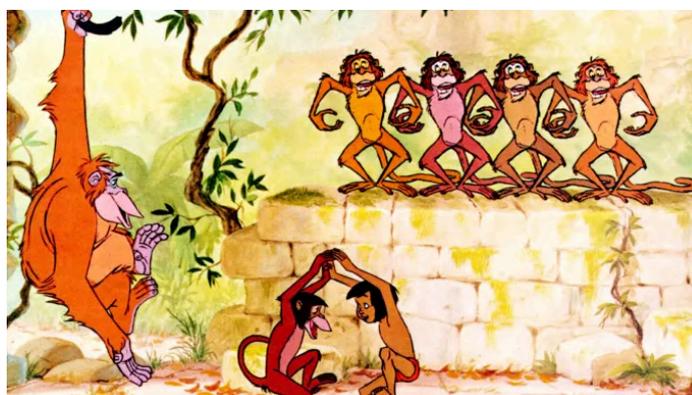
Figura 15 – Grupo de piratas com trajes exagerados e características faciais que fazem alusão a estereótipos racistas em “*A Cidadela dos Robinsons*”.



Fonte: Disney/Stories Matter (1960)

Já em *Mogli: O Menino Lobo* (1967), o personagem King Louie, um orangotango com poucas habilidades linguísticas, canta um estilo de jazz de Dixieland (New Orleans) e é mostrado como preguiçoso. O personagem foi criticado por ser uma caricatura racista dos afro-americanos (figura 16).

Figura 16 – Cena de “*Mogli: O Menino Lobo*”.



Fonte: Walt Disney Pictures (1967)

Um outro exemplo notável de estereótipo racial é o gato siamês Shun Gon, de *Aristogatas* (1970). Este personagem é apontado como uma caricatura racista contra asiáticos devido a traços como olhos puxados, dentes salientes e um sotaque exagerado, sendo dublado por um ator branco. Além disso, ele é mostrado tocando piano com hashis, uma representação estereotipada, o filme também apresenta letras que zombam da língua e da cultura chinesa (figura 17). Essas representações refletiam a visão predominante de uma sociedade segregada e branca da época.

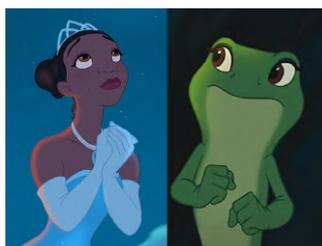
Figura 17 – O gato siamês Shun Gon é apontado como caricatura racista contra asiáticos em “*Aristogatas*”.



Fonte: Walt Disney Pictures (1970)

Mesmo nas produções mais recentes, que visam celebrar a diversidade, a Disney ainda enfrenta desafios. *A Princesa e o Sapo* (2009) foi um marco ao apresentar a primeira princesa negra da Disney, mas também foi alvo de críticas. A escolha de ambientar a história em Nova Orleans, um local historicamente associado à escravidão, não foi suficiente para afastar críticas sobre a representação da princesa Tiana. Além disso, a transformação de Tiana em sapo por grande parte do filme foi vista por alguns como uma minimização de sua importância como personagem negra (figura 18).

Figura 18 – Tiana é transformada em um sapo na maior parte de “*A Princesa e o Sapo*”.



Fonte: Business Insider (2020)

A Disney, ciente das críticas sobre representações culturais e raciais em seus filmes clássicos, passou a exibir avisos mais explícitos na plataforma Disney+. Ao iniciar a reprodução de filmes como "*Peter Pan*", "*Dumbo*" e "*Mogli: O Menino Lobo*", os espectadores veem uma mensagem de 12 segundos que não pode ser pulada. Esse aviso afirma que "esses estereótipos estavam errados na época e continuam errados agora", destacando que, em vez de remover o conteúdo, a Disney opta por reconhecer seu impacto prejudicial, aprender com ele e estimular um diálogo que promova um futuro mais inclusivo. Essa mensagem substitui um alerta anterior, mais suave, que dizia apenas que os filmes "podem conter representações culturais desatualizadas". Segundo o Disney+, "esses estereótipos estavam errados na época e continuam errados agora" e a empresa se compromete a criar histórias inspiradoras que reflitam a diversidade global da experiência humana.

Segundo a Rolling Stones Brasil, a implementação desses novos avisos contou com o apoio de um conselho consultivo formado por várias organizações, incluindo GLAAD (Aliança Gay e Lésbica Contra a Difamação), a Associação de Críticos de Cinema Afro-Americanos, a Coalizão dos Pacíficos Asiáticos em Entretenimento, IllumiNative (liderada por mulheres nativas americanas), a Associação Nacional de Produtores Latinos Independentes e RespectAbility, entre outras.

Nas últimas décadas, o discurso da diversidade passou a ocupar um espaço central na indústria cultural. Empresas como Disney, Netflix e Warner Bros têm buscado incorporar personagens negros, LGBTQIA+ e de outras minorias em seus produtos audiovisuais. Entretanto, essa virada discursiva não ocorre de maneira desinteressada: ela se insere em um contexto de transformação dos padrões de consumo e reconfiguração do mercado global, marcado por exigências identitárias de seus públicos, mas também pela lógica da mercantilização da diferença. É nesse ponto que emerge a noção de capitalismo racial, um conceito fundamental para pensar as contradições desse processo.

O termo "capitalismo racial", cunhado por Cedric J. Robinson (1983), parte da ideia de que a acumulação capitalista se desenvolveu historicamente em articulação

com a racialização de corpos e territórios. Assim, a raça não é uma aberração do capitalismo, mas uma de suas fundações. Quando essa lógica é transposta para o campo cultural, ela nos permite entender como as diferenças raciais podem ser exploradas como valor simbólico, estético e mercadológico, sem necessariamente romper com estruturas excludentes.

A representatividade negra, nesse cenário, torna-se um ativo de mercado. A escalção de Halle Bailey como Ariel (figura 19), por exemplo, pode ser lida simultaneamente como um gesto simbólico de reparação e como uma estratégia de inserção em novos nichos de consumo, em especial o público jovem negro e antirracista. A Disney, ao promover a diversidade, amplia sua base de audiência, rejuvenesce sua marca e se alinha a agendas progressistas em voga. No entanto, essa inclusão nem sempre se traduz em transformação estrutural: a presença de atores negros no centro da narrativa não garante, por si só, a desconstrução dos estereótipos nem a redistribuição de poder na cadeia produtiva.

Figura 19 – Halle Bailey na estreia de *A Pequena Sereia* em Hollywood.



Fonte: Matt Winkelmeyer/Getty Images (2023)

Como alerta Angela Davis (2016), o risco de se celebrar a diversidade de forma acrítica é ignorar as desigualdades que persistem nos bastidores — sejam elas salariais, de acesso a cargos criativos ou de liberdade para moldar narrativas. Muitas vezes, a representatividade negra se limita a um papel decorativo ou simbólico, sem permitir a agência real dos sujeitos envolvidos. Essa contradição é

visível nos dados: enquanto cresce o número de personagens negros em filmes e séries, a presença de roteiristas, diretores e produtores negros segue minoritária.

A lógica do capitalismo racial também ajuda a explicar as reações racistas a figuras como a nova Ariel. Quando um corpo negro ocupa um espaço tradicionalmente branco, há uma disputa não apenas simbólica, mas econômica: quem pode protagonizar, quem pode vender, quem pode gerar identificação massiva? A recusa à diversidade não é apenas uma nostalgia cultural, mas uma tentativa de preservar o controle simbólico e financeiro sobre os imaginários de sucesso, beleza e centralidade narrativa.

Por outro lado, é preciso reconhecer que, mesmo dentro dessa lógica mercantilizada, a visibilidade negra pode gerar efeitos subjetivos e sociais importantes. O marketing da diversidade, ainda que condicionado por interesses corporativos, produz imagens que circulam, mobilizam afetos e disputam sentidos. A comoção de crianças negras ao verem uma princesa com sua aparência não pode ser desconsiderada ou reduzida a estratégia de mercado — ela aponta para os efeitos reais da representação no cotidiano das pessoas.

Diante disso, torna-se fundamental pensar a representatividade como um campo de disputas. A diversidade não é, por si só, um antídoto contra o racismo estrutural — mas pode ser instrumento de crítica, mobilização e transformação, especialmente quando acompanhada de autonomia narrativa e democratização das esferas de produção cultural. A luta por mais personagens negros no cinema deve, portanto, estar articulada à luta por mais criadores negros, mais vozes no comando das histórias e mais recursos distribuídos de forma justa.

Ao analisar o caso de *A Pequena Sereia* (2023) à luz do capitalismo racial, compreende-se que a inclusão de Halle Bailey é, ao mesmo tempo, uma ruptura e uma continuação: rompe com os padrões estéticos dominantes ao colocar uma mulher negra no centro de uma narrativa clássica, mas continua operando dentro de um sistema que ainda exclui, hierarquiza e instrumentaliza a diferença. Assim, é preciso manter o olhar crítico diante da diversidade promovida pelas corporações e

buscar, na contramão do consumo, formas de resistência, protagonismo e autoria negra que não dependam apenas da validação do mercado.

Além do debate em torno da personagem Ariel na versão live-action de *A Pequena Sereia*, outras produções cinematográficas e televisivas recentes também enfrentaram controvérsias significativas relacionadas à diversidade e representatividade racial. Alguns estudos de caso adicionais envolvendo as franquias *Star Wars* e o mais recente live-action de *Branca de Neve* (2025), protagonizado por Rachel Zegler, amplia a compreensão das tensões e resistências que permeiam a inclusão de atores negros ou de outras etnias em papéis tradicionalmente brancos.

A franquia *Star Wars*, criada por George Lucas, é outro exemplo emblemático das disputas contemporâneas sobre diversidade. A série *Star Wars: The Acolyte*, lançada em 2024, trouxe um elenco diverso, incluindo atores negros e LGBTQ+, o que gerou uma intensa polêmica entre fãs conservadores e progressistas. Enquanto a crítica especializada elogiou a produção, as avaliações do público nas redes sociais e plataformas de crítica apresentaram uma divisão acentuada, com muitos fãs acusando a série de “diversidade forçada” e “desrespeito à tradição” da saga.

Além disso, atores como Amandla Stenberg (figura 20), protagonista da série, foram alvo de ataques racistas e misoginia online, evidenciando o racismo estrutural presente no fandom.

Figura 20 – Amandla Stenberg em “*Star Wars: The Acolyte*”.



Fonte: Lucasfilm (2024)

A atriz Jodie Turner-Smith (figura 21) criticou publicamente a Disney pela falta de posicionamento firme contra esses ataques, ressaltando a importância da representatividade negra para o público consumidor da franquia. Essa situação ilustra como a diversidade no elenco pode ser recebida com resistência, mas também como artistas e apoiadores têm se mobilizado para enfrentar o racismo e defender a inclusão.

Figura 21 – Jodi Turner-Smith em “*Star Wars: The Acolyte*”.



Fonte: Deadline/Getty Images/Lucasfilm (2024)

Em 2025, o live-action de *Branca de Neve*, protagonizado pela atriz Rachel Zegler (figura 22), que é latina, mas interpreta uma personagem tradicionalmente branca, gerou debates similares. A escolha de Zegler para o papel principal suscitou reações mistas, com parte do público celebrando a diversidade e a atualização do clássico, enquanto outra parcela expressou insatisfação, alegando que a mudança “desvirtua” a personagem original.

Figura 22 – Nova versão de “*Branca de Neve*”, estrelada por Rachel Zegler.



Fonte: Divulgação/Disney (2025)

Essa controvérsia reflete o mesmo padrão observado em outras produções: a dificuldade de aceitar representações que rompem com a tradição racial dos personagens, especialmente em obras muito enraizadas na cultura popular. O debate em torno de *Branca de Neve* (2025) evidencia que a questão da representatividade não é apenas sobre presença física, mas sobre a reinterpretação de símbolos culturais e identitários.

Nos Estados Unidos, o anúncio de Halle como Ariel (figura 23) gerou imediatamente tanto apoio quanto críticas racistas nas redes sociais, resultando no uso da hashtag #NotMyAriel. Contudo, a narrativa dominante na mídia norte-americana buscou enfatizar os aspectos positivos da representatividade racial, enaltecendo o impacto inspirador que Bailey teria sobre jovens negras ao redor do país. Na Europa, a recepção variou. Na França, a crítica cinematográfica se concentrou majoritariamente na qualidade técnica e narrativa do filme, com poucas manifestações explícitas de resistência à escolha da atriz. No entanto, discussões em fóruns e redes sociais revelaram certo incômodo com o que foi visto por alguns como uma “mudança forçada” da personagem original.

Figura 23 – Ariel (Halle Bailey) conversa com Sabichão (Akwafina) após ganhar suas pernas em *A Pequena Sereia* (2023).



Fonte: Divulgação/Disney (2025)

No Japão, o filme teve uma recepção morna. Segundo reportagens da Yahoo News e CNN, a escolha de uma atriz negra pareceu gerar estranhamento cultural. Embora as críticas diretas ao casting tenham sido menos explícitas, houve uma clara desconexão do público japonês com a proposta estética do filme, refletida em bilheteiras discretas.

Na Coreia do Sul e na China, as reações foram significativamente negativas. De acordo com o The Guardian, o filme teve uma das piores bilheteiras da Disney nesses países nos últimos anos. A matéria destaca que, na China, em particular, as redes sociais se encheram de comentários racistas, muitos deles centrados na ideia de que Halle Bailey seria “escura demais” para o papel. Essa reação, conforme aponta o artigo “Too black to be The Little Mermaid?”, reflete uma contínua preferência por pele clara nesses contextos culturais, frequentemente reforçada por práticas midiáticas e publicitárias locais.

Na Filipinas, houve uma divisão clara. Enquanto parte do público celebrou a diversidade e o talento da atriz, outra parcela — influenciada por padrões de beleza importados e fortemente enraizados na estética eurocêntrica — ecoou críticas semelhantes às dos países vizinhos da Ásia.

No Brasil, a recepção foi majoritariamente positiva. Campanhas como “Ariel é Negra Sim” ganharam força nas redes sociais, e diversas personalidades celebraram o marco representativo (figura 24). Ainda assim, também surgiram críticas veladas e tentativas de desqualificar a mudança de etnia da personagem sob o argumento de “fidelidade à obra original”.

Figura 24 – Laura Castro, dubladora brasileira de “A Pequena Sereia”.



Fonte: Gshow/Disney (2025)

O desempenho de *The Little Mermaid* nas bilheteiras internacionais refletiu diretamente essas tensões. Segundo levantamento da Variety, enquanto nos Estados Unidos o filme arrecadou cerca de US\$ 117 milhões no fim de semana de estreia, na China obteve apenas US\$ 3,6 milhões no mesmo período, e na Coreia do Sul, aproximadamente US\$ 4,4 milhões, valores extremamente baixos para uma superprodução da Disney. O Japão também registrou cifras modestas, reforçando a hipótese de uma resistência cultural e estética ao elenco diversificado.

A divergência entre o mercado doméstico e o internacional evidencia como a diversidade é negociada de maneira desigual globalmente, especialmente quando se confronta com a normatividade branca ainda vigente em grande parte do imaginário midiático mundial.

A indústria cultural global é, por definição, um campo de disputa de narrativas, valores e imagens. Embora companhias como a Disney tenham se esforçado para promover uma agenda de inclusão e representatividade — refletida em elencos mais diversos e histórias com protagonismo não branco —, a recepção internacional mostra que tais avanços ainda esbarram em resistências profundamente enraizadas.

O artigo de Nguyen e Hoang (2023), por exemplo, mostra como o discurso do “white skin preference” se mantém hegemônico em países como o Vietnã, não apenas como preferência estética, mas como estrutura simbólica de superioridade racial. A crítica à escolha de Halle Bailey é, nesse contexto, menos sobre fidelidade à personagem e mais sobre a rejeição da negritude como ideal de beleza e heroísmo.

A lógica globalizada da indústria cultural, ainda que aparentemente aberta à diversidade, continua fortemente ancorada em padrões eurocêntricos. Filmes com protagonistas negros ou não brancos frequentemente enfrentam dificuldades de

aceitação em mercados internacionais, especialmente na Ásia, onde a branquitude é muitas vezes associada ao status, à sofisticação e ao sucesso.

A escolha de Halle Bailey como Ariel (figura 25) não foi apenas uma decisão artística, mas um posicionamento político e cultural. As reações internacionais revelam que, apesar dos avanços no discurso da diversidade, há ainda um longo caminho para a desconstrução de padrões estéticos excludentes e da hegemonia branca nas narrativas globais.

Figura 25 – Ilustração de Halle Bailey em “A Pequena Sereia”.



Fonte: ウラさん/Twitter (2025)

A indústria cultural global precisa não apenas promover a inclusão, mas também preparar o terreno para que novas representações sejam compreendidas e aceitas dentro de contextos culturais diversos. O caso de *A Pequena Sereia* é um marco nesse processo, pois escancara tanto os limites quanto as possibilidades de transformação nas estruturas da cultura visual global.

A falta de representatividade e a prevalência de estereótipos no cinema têm consequências sociais e culturais profundas. Não se trata apenas da ausência de

rostos negros nas telas, mas de como essa ausência, e a forma como os negros são representados, afeta a construção da identidade e o comportamento social. Como argumenta Stuart Hall, a mídia não reflete a realidade de forma simples, mas participa ativamente na sua construção. Hall (1997) enfatiza que a representação é um processo seletivo, envolvendo a escolha e o enquadramento de eventos e identidades que, por sua vez, reforçam ou questionam estruturas de poder na sociedade.

Quando o cinema representa figuras negras apenas em papéis estereotipados — como criminosos, servos ou figuras cômicas — ele não apenas distorce a realidade, mas também contribui para a marginalização desses indivíduos, consolidando no imaginário coletivo uma visão distorcida da negritude. A predominância de personagens brancos em papéis de liderança e heroísmo transmite a mensagem de que apenas pessoas brancas são capazes de ocupar tais posições. Isso tem um impacto psicológico significativo, limitando as aspirações de jovens negros que não veem a si mesmos representados em papéis de poder ou influência.

O impacto psicológico da falta de representatividade é profundamente analisado por Frantz Fanon em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952), onde ele discute como o racismo internalizado afeta a psique dos indivíduos negros. Fanon argumenta que a constante comparação com os ideais brancos cria uma alienação da identidade negra, levando muitos a se afastarem de sua própria cultura e a se verem como inferiores. Quando não há representação positiva de negros no cinema, esse processo é exacerbado, causando danos duradouros à autoestima e ao senso de pertencimento de grupos marginalizados.

A ausência de protagonistas negros em filmes de fantasia e ficção científica também transmite a mensagem de que negros não pertencem a esses mundos, restringindo a imaginação e os sonhos das crianças negras. Em gêneros como a fantasia, tradicionalmente dominados por personagens brancos, o cinema contribui

para a exclusão dos negros desses universos imaginários. Quando personagens negros são finalmente inseridos nesses cenários, como no caso de *Pantera Negra* (2018), essa inclusão tem um impacto cultural profundo, pois desafia normas estabelecidas e oferece um modelo positivo de identificação para jovens negros (figura 26).

Figura 26 – Chadwick Boseman como T'Challa em "*Pantera Negra*".



Fonte: Revista Galileu/Divulgação (2018)

Contudo, é fundamental observar que a representação por si só não é suficiente. A representação precisa ser autêntica, sensível e multifacetada. A indústria cinematográfica precisa se comprometer a apresentar personagens negros com complexidade, fugindo dos estereótipos e proporcionando uma narrativa mais rica e verdadeira. Além disso, a diversidade precisa ser garantida em todos os níveis da produção cinematográfica, incluindo não apenas a frente das câmeras, mas também nos bastidores, com maior participação de negros nas funções de direção, produção e roteirização.

Além disso, as representações estereotipadas, frequentemente associadas à criminalidade, têm um efeito negativo na percepção pública dos negros. Como observado em um estudo de Dixon & Linz (2000), a mídia frequentemente associa negros com crimes violentos, o que contribui para a percepção errônea de que pessoas negras são mais propensas a cometer crimes do que pessoas brancas.

Isso perpetua o ciclo de marginalização e reforça a ideia de que a presença negra é, de alguma forma, associada à violência e à desordem social.

Em suma, a falta de representatividade no cinema não é apenas uma questão estética, mas envolve uma dinâmica de poder que influencia a percepção e o tratamento dos negros na sociedade. A representação positiva e diversificada no cinema pode fortalecer a autoestima, promover a inclusão social e transformar a maneira como diferentes grupos se veem e são vistos pelo resto da sociedade. A luta por maior diversidade na indústria cinematográfica é, portanto, essencial para criar uma sociedade mais justa e igualitária.

A escolha de Halle Bailey como Ariel no live-action de *A Pequena Sereia* (2023) não apenas gerou debates acalorados sobre tradição, racismo e estética, mas também revelou o poder da representatividade positiva — sobretudo quando direcionada ao público infantil. Em vídeos que se tornaram virais no TikTok e YouTube, meninas negras reagiram emocionadas ao se verem representadas por uma princesa da Disney com características semelhantes às suas. Muitas expressaram, com brilho nos olhos, que agora “também poderiam ser princesas”. Esse fenômeno ultrapassa o campo do entretenimento e toca diretamente em dimensões subjetivas da infância negra: autoestima, identidade e pertencimento (figura 26).

Figura 27 – Ilustração de Halle Bailey como Ariel e sua representação positiva para crianças negras.



Fonte: Hanna Sun/The Hotchkiss Record (2025)

O conceito de “espelhamento positivo”, como discutido por bell hooks (2019) e Djamila Ribeiro (2017), descreve a importância de crianças negras se

reconhecerem em personagens que expressam dignidade, força e beleza. Em uma sociedade que ainda privilegia traços eurocêntricos, esse espelhamento se torna fundamental para a formação de uma autoimagem saudável. Quando o cinema, a literatura ou os brinquedos não oferecem esse reflexo, a criança negra tende a se ver como uma exceção — ou, pior, como indesejável.

Djamila Ribeiro aponta que a ausência de imagens positivas da negritude na infância gera, muitas vezes, uma negação da própria identidade. A criança percebe que seus traços não são associados ao belo, ao heroico ou ao importante. Isso impacta diretamente sua autoestima e suas possibilidades de imaginar futuros diversos. Estudos clássicos da psicologia já demonstraram os efeitos deletérios

Ao concluir o segundo capítulo, que investigou as múltiplas camadas de significado e as reações diante da escalação de Halle Bailey como a nova Ariel, torna-se fundamental aprofundar a análise sobre como essas disputas simbólicas se materializam no ambiente digital. O debate em torno de #NotMyAriel não se restringiu apenas ao universo dos fãs ou à crítica especializada, mas ganhou proporção global graças à potência das redes sociais digitais, transformando-se em um verdadeiro campo de batalha discursivo.

No terceiro capítulo, o foco se desloca para um estudo de caso detalhado: a análise discursiva da hashtag #NotMyAriel. Serão examinados os principais argumentos, estratégias retóricas e sentidos produzidos nos tweets e postagens que circularam entre 2019 e 2023, período em que a controvérsia atingiu seu ápice. O objetivo é compreender como a linguagem digital reflete e amplifica tanto as resistências à diversidade quanto as práticas de afirmação identitária, evidenciando o papel das redes sociais na construção, disputa e circulação de narrativas sobre raça, pertencimento e poder no cinema contemporâneo.

Assim, ao transitar da análise histórica e mercadológica para o universo das interações digitais, o capítulo 3 propõe uma imersão nos discursos que moldaram a

recepção da nova Ariel, revelando como o debate sobre representatividade se reinventa e se intensifica na cultura digital do século XXI.

4. ESTUDO DE CASO: ANÁLISE DISCURSIVA DA HASHTAG #NOTMYARIEL

A presente análise se estrutura a partir de uma abordagem qualitativa, com ênfase na análise de discurso das manifestações nas redes sociais envolvendo a hashtag #NotMyAriel, entre 2019 e 2023. O objetivo é compreender os sentidos produzidos em torno da escolha de Halle Bailey como protagonista do remake live-action de *A Pequena Sereia*, explorando os discursos de resistência e acolhimento à representatividade negra no cinema.

A coleta de dados concentrou-se em 15 tweets selecionados por meio da busca avançada na rede social X (antigo Twitter). A hashtag #NotMyAriel foi utilizada como filtro por sua centralidade no debate digital. A análise discursiva foi guiada pelos pressupostos teóricos de Stuart Hall (1997), especialmente no que tange à produção de sentido e ao papel da linguagem na construção das identidades, além das contribuições de Michel Pêcheux (1990), com foco nas formações discursivas e nas condições de produção dos enunciados.

A seleção dos tweets foi realizada por meio da busca avançada da rede social X (antigo Twitter), utilizando a hashtag #NotMyAriel como principal filtro. Os critérios de escolha consideraram a relevância discursiva, a diversidade de posicionamentos (oposição e apoio à escalção de Halle Bailey) e o engajamento das publicações (número de curtidas, compartilhamentos e respostas). A amostragem buscou refletir a polarização discursiva observada no ambiente digital, incluindo tanto manifestações de resistência quanto de acolhimento à representatividade negra.

Os perfis que publicaram os tweets foram também observados como parte do contexto de enunciação. Entre os 15 tweets, identificaram-se contas de diferentes naturezas: Perfis pessoais com baixa visibilidade (contas com menos de 500 seguidores); Perfis influentes ou com alcance médio (entre 1.000 e 20.000 seguidores); Contas verificadas ou de personalidades públicas.

Além disso, notou-se a presença de contas anônimas ou com atividade concentrada em postagens críticas a pautas identitárias, o que sugere a possibilidade de atuação de bots ou perfis troll, como indicado por estudos como o de Stevens (2019). A análise considerou as informações disponíveis nas bios, frequência de postagens e o tom discursivo para contextualizar os enunciados.

Para facilitar a análise qualitativa, os tweets foram agrupados em cinco categorias discursivas, a partir de eixos temáticos e retóricos que emergiram do material: Tensões discursivas entre tradição e transformação; Uso do humor como arma ideológica; Racismo velado e apagamento simbólico; Afetos positivos e reconhecimento identitário e Polarização e circulação de sentidos conflitantes. Essa categorização permitiu identificar padrões recorrentes nos enunciados e seus efeitos ideológicos, conforme proposto por Hall (1997) e Pêcheux (1990). A análise buscou, assim, não apenas descrever os conteúdos, mas compreender os sentidos produzidos, as estratégias retóricas mobilizadas e as disputas simbólicas travadas em torno da figura de Ariel.

4.1 Tensões discursivas: tradição x transformação

Michel Pêcheux argumenta que todo discurso é atravessado por formações discursivas, que são sustentadas por posições ideológicas e históricas. Nos tweets abaixo, a formação discursiva que se manifesta é conservadora e normativa, baseada na naturalização da branquitude como padrão legítimo e "verdadeiro" da personagem Ariel.

A frase "Ariel com cor verdadeira" evidencia esse funcionamento: o "verdadeiro" se associa automaticamente ao branco, ao ruivo, à imagem europeia. Ao afirmar que a nova escalação "vai para o lixo", o enunciador ativa um mecanismo de rejeição que não é apenas estética, mas simbólica — negando o direito de pertencimento à personagem por parte de corpos negros. Trata-se da produção de sentido que exclui e subalterniza, operando pela repressão do outro como figura

deslocada da norma. A ideologia, para Pêcheux, mascara o caráter histórico e arbitrário desses sentidos, produzindo o efeito de evidência — ou seja, faz parecer “natural” que Ariel seja branca, apagando o fato de que essa é apenas uma das possíveis representações, construída por interesses e contextos específicos. Assim, discursos como “merecemos uma Ariel verdadeira” ou “por que mudar algo que todos amamos?” exemplificam a eficácia da ideologia em manter a hegemonia simbólica, ao mesmo tempo em que deslegitimam alternativas e vozes dissidentes.

Traduções dos *Tweets* — Tweet 1: “Nós, garotas brancas, que crescemos com *A Pequena Sereia*, merecíamos uma Ariel fiel às cores originais. Disney, vocês cometeram um enorme erro ao contratar a Halle Bailey. Isso vai para o LIXO.”

Figura 28 – Publicação no Twitter 1.



Fonte: Twitter/Reprodução

Tradução do Tweet 2: “Tenho quase certeza de que, se fizessem outro filme sobre sereias que tivesse sereias negras, seria lindo. Mas um filme com o qual

todos nós crescemos e aprendemos a amar — por que mudar completamente?
#NotMyAriel”

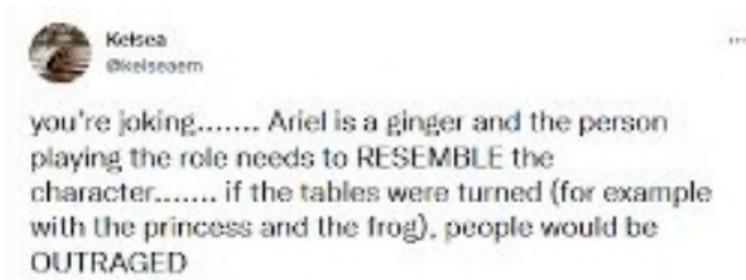
Figura 29 – Publicação no Twitter 2.

I'm pretty sure if they made another movie about Mermaids that had black ones in it it would of been beautiful but a movie we all grew up to love why change it completely? #NotMyAriel

Fonte: Twitter/Reprodução

Tradução do Tweet 3: “Você tá brincando... Ariel é ruiva, e a pessoa que interpreta o papel precisa SE PARECER com a personagem... se fosse o contrário (por exemplo, com *A Princesa e o Sapo*), as pessoas ficariam INDIGNADAS.”

Figura 30 – Publicação no Twitter 3.



Fonte: Twitter/Reprodução

4.2 Humor como arma ideológica

Nos tweets apresentados, o humor e a ironia aparecem como estratégias discursivas para ridicularizar a diversidade e reforçar a hegemonia da branquitude e da heteronormatividade nas representações midiáticas. Comentários como “o que vem agora? Scooby-Doo vira um gato?” ou “Branca de Neve se transforma em Preta de Neve?” recorrem à caricatura para deslegitimar transformações identitárias nas narrativas clássicas. Sob a aparência de uma “brincadeira inofensiva”, há uma operação ideológica potente: o riso serve como barreira simbólica à mudança.

À luz de Michel Pêcheux, é possível identificar nesses enunciados o funcionamento de uma formação discursiva conservadora, que mobiliza o humor para manter a ordem simbólica vigente. O riso aqui não é neutro — ele atua como um marcador de exclusão, um gesto que ridiculariza o outro (negro, gay, trans) ao mesmo tempo que reafirma o que é considerado "normal", "natural" ou "autêntico". O enunciador se posiciona, assim, como guardião da suposta coerência do imaginário coletivo, onde personagens são brancos, cis e heterossexuais por padrão.

Do ponto de vista de Stuart Hall, esses discursos exemplificam uma tentativa de restaurar a hegemonia cultural ameaçada. A diversidade, nesse contexto, não é percebida como expansão de possibilidades, mas como invasão de territórios simbólicos "brancos". O apelo à "história dos personagens" ou à "coerência das narrativas" revela o desejo de preservar uma identidade cultural que se vê ameaçada pelas transformações sociais em curso. O humor, nesse caso, é mobilizado como instrumento de defesa do status quo — uma arma ideológica que torna o preconceito risível, e portanto aceitável.

Além disso, é importante notar que a repetição desses argumentos humorísticos — "Cumprir a cota de minoria", "Eric trans", "Ariel é preta agora, o que vem depois?" — cria um efeito de banalização, onde o questionamento da diversidade se torna rotina, palatável e até popular. Assim, a ironia cumpre uma função política: esvazia o conteúdo transformador da representação negra, feminina, queer ou trans nas telas e reconfigura o debate como exagero, vitimismo ou simples perda de sentido.

Traduções dos *Tweets* — Tweet 1: "Um Homem-Aranha gay, uma Pequena Sereia negra, o que vem depois? O Scooby-Doo como um gato? Essa tendência de mudar a sexualidade ou a raça de personagens já estabelecidos precisa acabar.

Sim, a representatividade é importante, mas a história desses personagens também é.

Figura 31 – Publicação no Twitter 4.



Fonte: Twitter/Reprodução

Tradução do Tweet 2: “Disney: Certifique-se de marcar a caixinha da minoria. Ah, quer saber? Vamos fazer o Príncipe Eric trans também...”

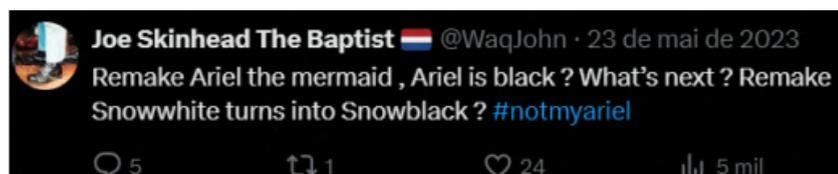
Figura 32 – Publicação no Twitter 5.



Fonte: Twitter/Reprodução

Tradução do Tweet 3: “Refizeram *A Pequena Sereia*, Ariel agora é negra? O que vem a seguir? Refazer Branca de Neve virando Preta de Neve? #notmyariel”

Figura 33 – Publicação no Twitter 6.



Fonte: Twitter/Reprodução

Tradução do Tweet 4: “Sem ódio, mas isso parece tão forçado. Se eles queriam diversidade, por que não escolheram A Princesa e o Sapo ou outra coisa, em vez de mudar completamente a raça de uma princesa popular da Disney?”

Figura 34 – Publicação no Twitter 7.



Fonte: Twitter/Reprodução

4.3 Estratégias de apagamento e racismo velado

O tweet em questão afirma: *“Não temos problema com pessoas de cor ou de outras etnias. Nosso problema é a Disney escalar alguém que não se parece em nada com a Ariel. É simples assim!”* — uma formulação que se enquadra no que a crítica antirracista contemporânea reconhece como racismo velado ou neutralização discursiva.

À primeira vista, o enunciado tenta se afastar de acusações de preconceito racial, enfatizando que o problema não é “com pessoas de outras etnias”, mas com a aparência da nova atriz. No entanto, esse tipo de construção linguística funciona como um deslocamento estratégico: retira o debate da esfera política e estrutural (a sub-representação histórica de atrizes negras) e o transporta para o campo da “fidelidade estética” ou da “técnica”. O uso da expressão “Uma pessoa que não se parece de jeito algum com a Ariel” reduz Ariel a uma imagem branca ruiva

naturalizada — desconsiderando que esta imagem foi, ela mesma, uma construção ideológica.

Para Stuart Hall, esse tipo de discurso evidencia o que ele chama de “políticas da representação”: não se trata apenas de quem aparece, mas de como aparece e sob quais condições. Ao alegar que Halle Bailey “não se parece com Ariel”, o autor do tweet desconsidera que essa personagem nunca foi racialmente neutra — ela sempre foi uma expressão de normatividade branca, que agora está sendo questionada. O incômodo não é estético, é político: o que está em jogo é a ruptura de uma hegemonia simbólica que definia quem pode ser princesa, heroína, visível.

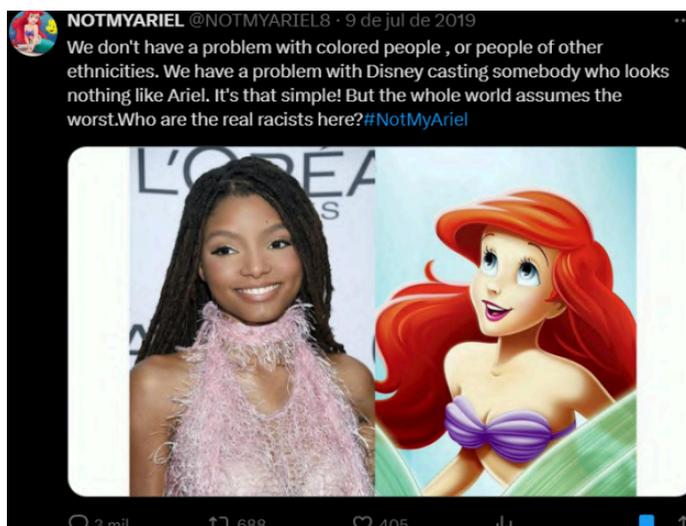
Sob a lente de Michel Pêcheux, esse funcionamento discursivo mostra como a ideologia atua na linguagem ao produzir sentidos que parecem naturais e despolitizados. O sujeito que enuncia “*não tenho problema com pessoas negras*” posiciona-se como imparcial, enquanto, na prática, está reproduzindo o mesmo padrão normativo excludente da branquitude como referência universal. A negação explícita do racismo (“É simples assim!”) funciona, paradoxalmente, como forma de afirmá-lo — ao invisibilizar a estrutura racial que define quem pode ou não ocupar determinados lugares simbólicos.

Ao fim, a pergunta retórica “Quem são os verdadeiros racistas aqui?” é uma tentativa clássica de reversão do lugar de opressão: ao ser chamado a refletir sobre o racismo, o sujeito tenta se vitimizar, deslocando a culpa e invalidando a crítica antirracista. Isso reforça a urgência de compreender os discursos não apenas pelo que dizem de forma literal, mas pelos efeitos ideológicos que produzem no campo simbólico.

Tradução do *Tweet*: “Nós não temos problema com pessoas de cor, ou pessoas de outras etnias. Nosso problema é com a Disney escolhendo alguém que

não se parece em nada com a Ariel. É simples assim! Mas o mundo inteiro assume o pior. Quem são os verdadeiros racistas aqui? #NotMyAriel”

Figura 35 – Publicação no Twitter 8.



Fonte: Twitter/Reprodução

4.4 Disputas por representação e afetos positivos

Em contraponto ao discurso conservador e excludente observado na hashtag #NotMyAriel, uma contra-formação discursiva emerge nas redes sociais, expressando apoio à escolha de Halle Bailey como a nova Ariel. Essa contra-formação se ancora em afetos positivos, como orgulho, empatia e esperança — elementos que se tornam centrais na luta por reconhecimento e visibilidade simbólica de pessoas negras na cultura midiática.

No primeiro tweet, uma mulher branca e ruiva expressa: “Como uma ruiva de pele clara, tenho sentimentos muito fortes sobre A Pequena Sereia. Ariel mudou o meu mundo ruivo. As ‘piadas’ maldosas acabaram. Passei a ser admirada pelo meu cabelo. E sabe de uma coisa? Eu quero que meninas negras sintam o mesmo com a nova Ariel.” — esse enunciado reconhece o poder simbólico da representação como fonte de autoestima, validação e pertencimento. A personagem deixa de ser

apenas uma figura fictícia e passa a atuar como referência de identificação emocional e subjetiva, especialmente na infância.

A resposta seguinte reforça esse ponto com dados sobre a disparidade de representação: “Ruivos naturais representam cerca de 2% da população mundial. Existem 3 princesas da Disney com cabelo ruivo (Anna, Ariel, Merida). Pessoas negras representam cerca de 18% da população mundial. Existe apenas uma princesa negra (Tiana). Hora de equilibrar isso, não?” — um apelo racional que dialoga com a lógica da justiça simbólica.

Tradução dos *Tweets* — Tweets 1 e 2: “Como uma ruiva de pele branca, tenho sentimentos muito fortes sobre A Pequena Sereia. Ariel mudou o meu mundo de ruiva. As piadas maldosas pararam. Passei a ser admirada pelo meu cabelo. E sabe de uma coisa? Eu quero que meninas negras sintam a mesma coisa com a nova Ariel.” “Ruivos naturais representam cerca de 2% da população mundial. Existem 3 princesas da Disney com cabelo ruivo (Anna, Ariel, Merida). Pessoas negras representam cerca de 18% da população mundial. Há apenas 1 princesa negra (Tiana). Hora de equilibrar as coisas, não acha?”

Figura 36 – Publicação no Twitter 9.

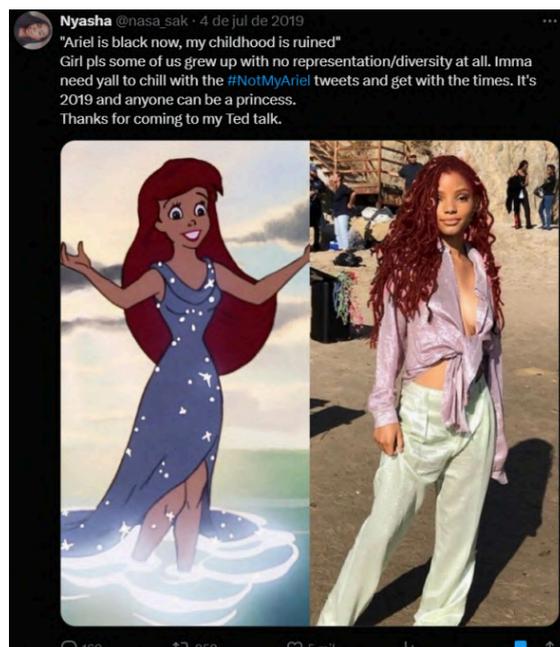


Fonte: Twitter/Reprodução

Já no segundo conjunto de tweets, a usuária ironiza a reação negativa com um tom de denúncia e acolhimento: “Ariel é negra agora, minha infância foi arruinada’. Garota, por favor, algumas de nós cresceram sem nenhuma representação ou diversidade. Precisamos que vocês se acalmem com esses tweets do #NotMyAriel e acompanhem os tempos. Estamos em 2019 e qualquer um pode ser uma princesa. Obrigada por virem ao meu Ted Talk.” — aqui, a autora rechaça a nostalgia excludente de quem afirma que “a infância foi arruinada” e reposiciona o debate com uma perspectiva inclusiva. O uso do humor não é cínico, mas empático e combativo, abrindo espaço para a pluralidade no imaginário coletivo.

Tradução do Tweet 3: “A Ariel agora é negra, minha infância está arruinada’ Garota, por favor — algumas de nós crescemos sem nenhuma representatividade/diversidade, em absolutamente nada. Vou precisar que vocês parem com esses tweets de #NotMyAriel e se atualizem. Estamos em 2019 e qualquer um pode ser uma princesa. Obrigada por virem à minha palestra do TED.”

Figura 37 – Publicação no Twitter 10.



Fonte: Twitter/Reprodução

Sob a ótica de Stuart Hall, essa mobilização discursiva positiva revela a centralidade da representação como campo de disputa cultural e afetiva. Quando grupos historicamente marginalizados conseguem ver-se nas narrativas centrais — não mais como exceção ou alívio cômico, mas como protagonistas —, ocorre uma resignificação do lugar de sujeito. As redes sociais, nesse sentido, funcionam como espaços de resistência, onde essas vozes podem tensionar a hegemonia e propor novos referenciais.

Essa mudança não é apenas simbólica: ela afeta a formação da subjetividade, especialmente entre crianças negras que, por tanto tempo, cresceram sem se verem refletidas em papéis positivos nas telas. A nova Ariel, então, não representa apenas uma personagem — ela representa um possível futuro onde ser princesa não depende de ser branca.

4.5. Polarização e circulação de sentidos

A análise dos tweets evidencia que a controvérsia em torno da escalação de Halle Bailey como Ariel não se limita ao campo estético ou narrativo, mas revela um embate simbólico mais profundo, que extrapola o universo ficcional da personagem. Trata-se, nos termos de Stuart Hall, de uma luta por hegemonia cultural, em que diferentes grupos sociais disputam o direito de definir quais corpos, histórias e identidades são dignos de centralidade na cultura midiática.

De um lado, setores conservadores tentam fixar sentidos identitários atrelados à branquitude, à nostalgia e à ideia de fidelidade à “versão original”. De outro, vozes progressistas e antirracistas confrontam essa normatividade, defendendo a inclusão e o reconhecimento como princípios para a resignificação do imaginário coletivo.

O primeiro tweet afirma: “Não sou fã de filmes live-action da Disney baseados em animações. Na verdade, nunca assisti nenhum deles. Mas, depois de ver a

hashtag #NotMyAriel em alta após a escalção de Halle Bailey como Ariel, eu com certeza vou assistir. Vão para o inferno, racistas.” Esse enunciado é direto e combativo, revelando uma reação que vai além do consumo midiático: é uma declaração de posicionamento político, que rejeita o racismo disfarçado sob o pretexto de “fidelidade à personagem” e reforça a importância do apoio à representatividade negra.

Tradução dos *Tweets* — Tweet 1: “Não sou fã dos filmes live-action da Disney baseados em animações. Na verdade, nunca assisti a nenhum deles. Mas, depois de ver a hashtag #NotMyAriel viralizar após a escalção de Halle Bailey como Ariel, eu com certeza vou assistir. Vão pro inferno, racistas.”

Figura 38 – Publicação no Twitter 11.

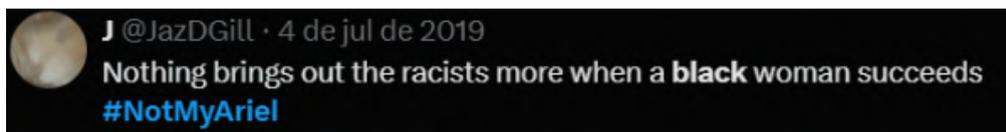


Fonte: Twitter/Reprodução

O segundo tweet também denuncia a estrutura racial subjacente: “Nada revela mais os racistas do que quando uma mulher negra tem sucesso. #NotMyAriel”. Aqui, o autor explicita que a comoção negativa em torno da nova Ariel não se trata apenas de opinião estética, mas de reação à ascensão simbólica de corpos negros em espaços tradicionalmente brancos. O sucesso de uma mulher negra se torna, então, gatilho para a emergência do racismo latente — aquilo que só se revela quando o equilíbrio hegemônico é desafiado.

Tradução dos Tweet 2: “Nada faz os racistas aparecerem mais do que quando uma mulher negra tem sucesso. #NotMyAriel”

Figura 39 – Publicação no Twitter 12.



Fonte: Twitter/Reprodução

Nesse contexto, a hashtag #NotMyAriel assume o papel de significante flutuante, isto é, um ponto de disputa onde múltiplos sentidos se condensam e se enfrentam. Para uns, representa resistência contra mudanças percebidas como “forçadas”; para outros, torna-se símbolo da denúncia e do enfrentamento ao racismo estrutural. Essa instabilidade de sentidos reflete o funcionamento contemporâneo das identidades midiáticas, cada vez mais moldadas por conflitos simbólicos que circulam nas redes.

A análise desses discursos deixa claro: a questão nunca foi apenas sobre uma sereia — é sobre quem pode ser princesa, quem pode ser visível, quem pode protagonizar. A escalção de Bailey mobiliza não apenas afetos, mas memórias, identidades e disputas ideológicas, fazendo da cultura pop um território central de embate político e social.

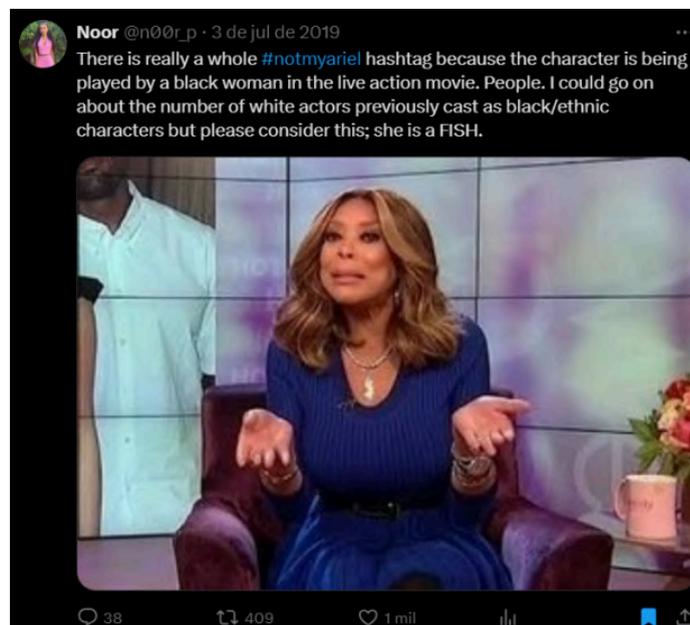
Diferentemente dos usos do humor para deslegitimar a diversidade — como nos tweets que ridicularizam a escalção de Halle Bailey com comentários como “qual o próximo, Scooby-Doo vira gato?” —, alguns usuários das redes sociais recorreram à ironia e ao humor como estratégia de denúncia e desestabilização dos discursos preconceituosos.

O tweet analisado exemplifica essa tática: “Há realmente uma hashtag #NotMyAriel porque o personagem está sendo interpretado por uma mulher negra no filme live-action. Gente, eu poderia listar a quantidade de atores brancos que já

interpretaram personagens negros/étnicos, mas por favor considerem isso: ela é uma sereia, é FICÇÃO.”

Tradução do Tweet 3: “Existe mesmo uma hashtag #NotMyAriel inteira só porque a personagem está sendo interpretada por uma mulher negra no filme live-action. Gente, eu poderia listar vários atores brancos que já interpretaram personagens negros/étnicos anteriormente, mas por favor, considerem o seguinte: ela é um PEIXE.”

Figura 40 – Publicação no Twitter 13.



Fonte: Twitter/Reprodução

Ao lançar mão do absurdo — “ela é uma sereia” — a autora ironiza a comoção racial em torno de uma criatura mítica, mostrando o quão seletiva é a “fidelidade ao original” quando se trata de raça. A crítica aqui não é apenas ao racismo, mas ao disfarce da intolerância com o argumento da estética ou da coerência narrativa. O efeito cômico surge justamente da contraposição entre o esforço em manter a “brancura da personagem” e a natureza fantástica da própria figura: uma sereia, um ser inexistente, ganha prioridade simbólica sobre a vivência e o reconhecimento de pessoas negras reais.

Esse tipo de humor opera como arma discursiva antirracista, deslocando o centro do debate e evidenciando as contradições ideológicas que sustentam o racismo estrutural. Como destacam autores como Stuart Hall, a representação é um campo de disputa — e, nesse caso, o humor é mobilizado para reconfigurar os sentidos dominantes, desmontando argumentos naturalizados com leveza e inteligência crítica.

A presença desse tipo de enunciado nas redes sociais amplia o espectro de resistência simbólica, mostrando que nem toda reação à #NotMyAriel se dá pelo embate direto; há também espaço para o riso como ferramenta de confrontação e consciência social.

Entre os discursos mais potentes e emocionantes que circularam nas redes durante a polêmica da hashtag #NotMyAriel, destacam-se os relatos pessoais de pessoas negras que vivenciaram, na infância, a dor de não se reconhecerem — ou de serem explicitamente excluídas — das narrativas encantadas dos contos de fadas. Esses relatos revelam não apenas experiências individuais de exclusão, mas também feridas coletivas da identidade negra infantil diante de um imaginário cultural hegemonicamente branco.

Uma usuária compartilhou: “Lembrança vívida de quando me fantasiei de Ariel e alguém na escola disse que eu não podia ser ela (porque eu era marrom)... tanta vergonha e sentimento de inadequação sentidos tão jovem... triste pela minha criança interior, porque leva anos para recuperar a autoconfiança. A Pequena Neela está tão feliz agora #LittleMermaid”.

Figura 41 – Publicação no Twitter 14.



Fonte: Twitter/Reprodução

Esse testemunho é especialmente comovente porque articula memória afetiva e reparação simbólica. A nova Ariel, nesse contexto, não é apenas um aceno à diversidade: ela representa uma chance de reconstruir a autoestima ferida, de reescrever o passado com imagens de pertencimento e legitimidade.

Outro comentário reforça esse impacto transformador: “Uma amiga negra mandou mensagem toda contente por causa da Ariel. Sinceramente, nós que somos privilegiados nunca vamos entender profundamente o quanto representatividade importa. Essa tag #NotMyAriel é uma vergonha. Vai ter Ariel negra sim!!!! AINDA BEM!!!”

Figura 42 – Publicação no Twitter 15.



Fonte: Twitter/Reprodução

Aqui, o enunciado parte de uma posição de reconhecimento da desigualdade simbólica. Ao afirmar que os privilegiados não podem compreender plenamente o

impacto da representatividade, o autor desloca o debate para o campo do afeto e da empatia — reconhecendo que o problema da exclusão não é apenas quantitativo, mas profundamente subjetivo.

Essas narrativas confirmam o que autores como bell hooks e Frantz Fanon já destacavam: a ausência de imagens positivas de si nos espaços públicos e midiáticos produz danos psicológicos profundos, sobretudo durante a infância. Quando uma criança negra é desencorajada a se ver como princesa, heroína ou protagonista, o que está em jogo não é apenas uma fantasia — é o lugar social que essa criança aprende a ocupar no mundo.

Nesse sentido, a escalção de Halle Bailey e a reação afetiva que ela gerou em tantas famílias negras são sinais de ruptura na ordem simbólica tradicional, onde apenas a branquitude era digna de beleza, poder e centralidade narrativa. A nova Ariel permite que meninas negras se reconheçam, se projetem e se afirmem — não como exceções, mas como parte legítima do imaginário coletivo.

A ascensão das mídias digitais alterou profundamente as formas de circulação de discursos, afetos e identidades. As redes sociais se consolidaram como arenas públicas de disputa simbólica, onde diferentes sujeitos se mobilizam para afirmar, contestar ou apagar determinadas narrativas. Contudo, esses espaços não são neutros: são mediadas por algoritmos que operam com base em lógicas comerciais, preditivas e, muitas vezes, excludentes. Safiya Umoja Noble (2018), em *Algorithms of Oppression*, argumenta que os sistemas automatizados de busca e recomendação carregam vieses racistas e sexistas profundamente enraizados. Ao privilegiar determinadas associações e ocultar outras, os algoritmos não apenas espelham os preconceitos da sociedade, mas os intensificam.

A noção de “racismo algorítmico” se fortalece nesse contexto. Plataformas como X (antigo Twitter), YouTube e TikTok são desenhadas para maximizar engajamento, o que significa privilegiar conteúdos que provocam reações rápidas — seja encantamento, seja indignação. Estudos demonstram que conteúdos discriminatórios ou de ataque geram mais comentários, compartilhamentos e tempo

de tela, o que os torna mais lucrativos para as plataformas (Noble, 2018; Gillespie, 2010). Assim, discursos racistas são não apenas tolerados, mas muitas vezes incentivados pela lógica algorítmica, ainda que sob o discurso da “neutralidade tecnológica”.

Além disso, a presença de bots, trolls e perfis automatizados, como já mencionado, também desempenha um papel relevante. Esses agentes artificiais geram uma falsa sensação de opinião pública majoritária contrária à representatividade negra, criando um efeito de manada digital. O estudo de Stevens (2019) revelou que parte significativa da rejeição inicial à escolha de Halle Bailey foi impulsionada por contas falsas, programadas para gerar volume e polêmica. Essa manipulação algorítmica distorce o debate e cria terreno fértil para a naturalização do racismo.

Contudo, se os algoritmos podem ser usados para amplificar o preconceito, também podem ser tensionados por formas de resistência. Movimentos como o #BlackMermaid ou #RepresentationMatters ocupam estrategicamente esses espaços, ressignificando hashtags e promovendo conteúdos positivos, afetivos e de reparação. Criadores negros, como influenciadores culturais, mães que compartilham vídeos de suas filhas emocionadas com a nova Ariel, ou ativistas digitais, transformam as redes em espaços de contranarrativa. Essas práticas performáticas de ocupação e engajamento, como argumenta Henry Jenkins (2006) na teoria da cultura participativa, transformam o público em coautor das narrativas. Embora sujeitos racializados enfrentem limites estruturais — inclusive no alcance orgânico de seus conteúdos — as redes sociais possibilitam o surgimento de ecologias afetivas e políticas que desafiam o apagamento e reivindicam presença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escalção de Halle Bailey como Ariel no live-action de *A Pequena Sereia* (2023) atuou como catalisadora de um debate multifacetado que transcende a simples escolha de uma atriz para um papel icônico. Esse episódio revelou tensões históricas profundas acerca de quem tem o direito de ocupar espaços simbólicos de poder, afeto e identificação na cultura midiática global. Enquanto a presença de uma princesa negra provoca reações emocionadas de pertencimento e empoderamento, ela simultaneamente desestabiliza estruturas simbólicas arraigadas na normatividade branca e no heteropatriarcado.

A análise discursiva da hashtag #NotMyAriel evidencia que o racismo presente não se limita a formas explícitas e declaradas, mas se manifesta também por meio de estratégias sutis, como o apagamento, a ironia e a invocação de uma suposta “neutralidade estética”. Esse racismo velado se sustenta em uma ideologia de fidelidade à “origem”, desconsiderando que a imagem tradicional de Ariel é uma construção cultural eurocêntrica, historicamente imposta e amplamente naturalizada. Conforme apontam teóricos como Stuart Hall e Michel Pêcheux, o discurso está sempre atravessado por relações de poder; assim, a resistência à nova Ariel revela uma disputa por hegemonia simbólica nos campos do cinema, da infância e da identidade racial.

Por outro lado, a recepção positiva e comovente de crianças negras e suas famílias — amplamente registrada em vídeos e relatos nas redes sociais — confirma o poder da representatividade como prática de reparação simbólica. Esses afetos não são superficiais: eles tocam feridas históricas de exclusão e reafirmam o direito fundamental de existir plena e dignamente. Quando uma menina negra declara “agora eu também posso ser uma princesa”, ela não apenas se reconhece, mas se reconfigura no mundo, ampliando as possibilidades de identidade e pertencimento.

Entretanto, é imprescindível reconhecer que a diversidade promovida por grandes corporações como a Disney está inserida em uma lógica capitalista que instrumentaliza a representatividade como estratégia de mercado. O conceito de capitalismo racial, discutido por Cedric Robinson, ajuda a compreender como a inclusão simbólica pode coexistir com a manutenção das estruturas desiguais nos bastidores da produção cultural. Dessa forma, a representatividade deve ser compreendida não como um ponto final, mas como um ponto de partida para uma transformação mais profunda, estrutural e ética.

É fundamental, portanto, distinguir presença de poder. A existência de personagens negros em destaque é um avanço necessário, porém insuficiente se a autoria das narrativas, os recursos criativos e as decisões estratégicas permanecem concentrados em mãos brancas. A inclusão verdadeira demanda uma reconfiguração da cadeia produtiva, garantindo acesso equitativo a cargos de direção, roteiro, produção e distribuição, bem como um compromisso ético com narrativas que respeitem a complexidade, a diversidade e a dignidade dos sujeitos negros.

Por fim, a controvérsia em torno de Ariel é sintomática de um fenômeno mais amplo: a crise do imaginário monocromático que dominou o cinema por mais de um século. Quando corpos historicamente invisibilizados ocupam o centro da cena, não apenas histórias são recontadas — o mundo simbólico se reestrutura. Esse processo inevitavelmente gera ruídos, resistências e transformações. A luta por representatividade no cinema, portanto, é simultaneamente estética, simbólica, política e afetiva. Ela define quem pode sonhar, quem pode ser amado, quem pode salvar e ser salvo.

Que a nova Ariel não seja o fim de uma discussão, mas o início de uma era em que o espelho da tela devolva a todos — e não apenas a alguns — a possibilidade de se reconhecerem belos, dignos e protagonistas de suas próprias histórias.

REFERÊNCIAS

CARTMELL, Deborah; WHELEHAN, Imelda. **Adaptações: Do Texto para a Tela, da Tela para o Texto**. Routledge, 1999.

CARVALHO, Noel dos Santos. **Cinema Negro: uma produção estética e política**. São Paulo: Papyrus Editora, 2006.

CLARK, Kenneth B.; CLARK, Mamie P. **The development of consciousness of self and the emergence of racial identification in Negro preschool children**. *Journal of Social Psychology*, v. 10, p. 591–599, 1947.

DAVIS, Angela Y. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

DE, Jeferson. **Dogma Feijoadá - O cinema Negro Brasileiro**. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2005.

DIXON, T. L.; LINZ, D. **Overrepresentation and underrepresentation of African Americans and Latinos as lawbreakers on television news**. *Journal of Communication*, v. 50, n. 2, p. 131-154, 2000.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Fator, 1952.

GREENBERG, B. S.; MASTRO, D. E. **The impact of media representations on the perceptions of racial minorities**. *Journal of Communication*, v. 50, n. 1, p. 50-68, 2000.

HALL, S. **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: Sage, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HOOKS, bell. **Olhares Negros: Raça e Representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

HUTCHEON, Linda. **Uma Teoria da Adaptação**. 2011.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência: Onde os Velhos e Novos Meios Colidem**. New York University Press, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

RODRIGUES, João Carlos. **O negro brasileiro e o cinema**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2015.

STAM, Robert. **Literatura através do Cinema: Realismo, Magia e a Arte da Adaptação**. Blackwell, 2005.

WARNER, Marina. **From the Beast to the Blonde: On Fairy Tales and Their Tellers**. Farrar, Straus and Giroux, 1995.

LAB DICAS JORNALISMO. A Pequena Sereia: o live action de 2023 gera debate e enaltece um novo tempo a caminho. Disponível em: <https://labdicasjornalismo.com/noticia/11963/a-pequena-sereia-o-live-action-de-2023-gera-debate-e-enaltece-um-novo-tempo-a-caminho/>. Acesso em: 31 jan. 2025.

PORTAL INTERCOM. Paleta de cores: a representatividade negra no cinema hollywoodiano. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0934-1.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2025.

RÁDIO RENASCENÇA. #NotMyAriel: escolha de atriz negra para filme “A Pequena Sereia” causa polémica. Disponível em: <https://rr.sapo.pt/noticia/vida/2019/07/09/notmyariel-escolha-de-atriz-negra-para-film-e-a-pequena-sereia-causa-polemica/157368/>. Acesso em: 31 jan. 2025.

POPTINGZ. Why disliking the new Disney ‘The Little Mermaid’ is racist. Disponível em: <https://www.poptingz.com/opinion-1/blog-post-title-one-4rw4e>. Acesso em: 31 jan. 2025.

O POVO+. Oscar: apenas 87 negros foram indicados nas principais categorias em quase 100 anos. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/2021/04/25/oscar-apenas-87-negros-foram-indicados-nas-principais-categorias-em-quase-100-anos.html>. Acesso em: 31 jan. 2025.

ADOROCINEMA. Críticas a Divertida Mente 2 expõem hipocrisia da representatividade da Disney; entenda. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-162704/>. Acesso em: 31 jan. 2025.

ROLLING STONE BRASIL. Pixar teria tentado deixar Riley ‘menos gay’ em ‘Divertida Mente 2’. Disponível em: <https://rollingstone.com.br/cinema/pixar-teria-tentado-deixar-riley-menos-gay-em-divertida-mente-2/>. Acesso em: 31 jan. 2025.

QUEER.IG. Disney retira trama sobre pessoas trans em série da Pixar. Disponível em: <https://queer.ig.com.br/2024-12-17/disney-retira-trama-sobre-pessoas-trans-em-serie-pixar.html>. Acesso em: 31 jan. 2025.

SALON. Don't feed 'The Little Mermaid' racist trolls: sketchy accounts fuel anti-Ariel outrage. Disponível em: <https://www.salon.com/2019/07/08/dont-feed-the-little-mermaid-racist-trolls-sketchy-accounts-fuel-anti-ariel-outrage/>. Acesso em: 31 jan. 2025.

SCREEN RANT. The Little Mermaid's ridiculous casting backlash explained. Disponível em: <https://screenrant.com/little-mermaid-halle-bailey-casting-backlash-explained/>. Acesso em: 31 jan. 2025.

MISSISSIPPI STATE UNIVERSITY. Scholars Junction – UL Publications. Disponível em:

<https://scholarsjunction.msstate.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1035&context=ul-publications>. Acesso em: 31 jan. 2025.

TAYLOR & FRANCIS. Too black to be The Little Mermaid? Backlash against Disney's 2023 The Little Mermaid. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/14680777.2024.2344102?needAccess=true>. Acesso em: 31 jan. 2025.

CNN. Little Mermaid box office struggles in China and Korea. Disponível em:

<https://www.cnn.com/2023/06/06/media/little-mermaid-box-office-china-korea-intl-hnk>. Acesso em: 30 jun. 2025.

THE GUARDIAN. Disney's The Little Mermaid flops in China amid racist backlash over casting. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/film/2023/jun/09/disney-little-mermaid-flops-china-racist-backlash-casting>. Acesso em: 30 jun. 2025.

YAHOO NEWS. Little Mermaid tanks in Asian countries amid backlash. Disponível em:

<https://www.yahoo.com/news/little-mermaid-tanks-asian-countries-162155730.html>. Acesso em: 30 jun. 2025.

VIBE. The Little Mermaid faces racist backlash in the Philippines and Asia. Disponível em:

<https://www.vibe.com/news/movies-tv/the-little-mermaid-major-philippines-racist-backlash-asia-1234766641/>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SANTOS, L. G. dos. A representação do negro em dois manifestos do cinema brasileiro. *Estudos Avançados*, v. 34, n. 98, p. 361–380, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/fBPTmfb7fyct8SG4C9KHfQy/>. Acesso em: 30 jun. 2025.

PIRES, A. F. O Cinema Novo e o sujeito negro – Zózimo Bulbul. *Anagrama: Revista Internacional de Comunicação*, v. 11, n. 2, 2017. Disponível em:

<https://revistas.usp.br/anagrama/article/view/150403>. Acesso em: 30 jun. 2025.

GOMES, J. F. O negro no cinema brasileiro: o período silencioso. *Revista Plural*, v. 19, n. 1, 2012. Disponível em: <https://revistas.usp.br/plural/article/view/68073>.

Acesso em: 30 jun. 2025.

JINDAL, Monique. #NotMyAriel: Reflections of Growing Up in a World That Favors Whiteness. Pubmed, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33214330/>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SUGIHARTO, Anton; RAHMAWATI, Intan. The Little Mermaid: Equality of Race and Skin Color to Criticism of Disney Film Fans on Twitter. ResearchGate, 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/383712061_The_Little_Mermaid_Equality_of_Race_and_Skin_Color_to_Criticism_of_Disney_Film_Fans_on_Twitter. Acesso em: 30 jun. 2025.

RICHARDSON, N. Part of whose world? How The Little Mermaid (2023) attempts to revise the racist tropes of the 1989 animated film musical. *Alphaville: Journal of Film and Screen Media*, n. 27, p. 94–109, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.33178/alpha.27.08>. Acesso em: 30 jun. 2025.

BBC NEWS. *U.S. says it will send troops to the region.* BBC News, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-54566087>. Acesso em: 24 jul. 2025.

BUSINESS INSIDER. *Disney+ adds warnings for racist stereotypes in Peter Pan, Dumbo, and Aladdin.* Business Insider, 2020. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/disney-plus-racism-stereotypes-warning-peter-pan-dumbo-aladdin-2020-10>. Acesso em: 24 jul. 2025.

VARIETY. *'The Little Mermaid' soars at box office with \$118 million opening weekend.* Variety, 2023. Disponível em: <https://variety.com/2023/film/box-office/box-office-little-mermaid-opening-weekend-1235625276/>. Acesso em: 24 jul. 2025.

ROLLING STONE. *Disney inclui alertas de racismo antes de exibir desenhos clássicos; entenda.* Rolling Stone Brasil, 2020. Disponível em: <https://rollingstone.com.br/noticia/disney-inclui-alertas-de-racismo-antes-de-exibir-desenhos-classicos-entenda/>. Acesso em: 24 jul. 2025.